

## **TÁBUAS VOTIVAS AO SENHOR JESUS DO CALVÁRIO EM PARADA DE PINHÃO**

*The core of votive tablets to Senhor Jesus do Calvário in Parada de Pinhão, Portugal*

SILVA, Celestino; CANOTILHO, Luís

---

### **ABSTRACT**

This article presents the core of the votive tablets that decorate the old chapel of the Santuário de Nosso Senhor Jesus do Calvário in Parada de Pinhão, Portugal, an ideal place for familiarity and meditation. Until recently the old chapel kept hanging with nails on the walls 67 votive offerings. An ex-voto is a votive offering to the saint that was given in fulfillment of a vow, in gratitude or devotion. The tablets, in rectangular shape and variable measures, oil painted on a sheet of wood or iron, includes text explaining a miracle attributed to the saint. Some of them are dated (from 1852 to 1865) and are examples of popular art. Ex-votos are sources of information on the religious minds of the second half of the 19th century.

### **RESUMO**

Este estudo debruça-se sobre o núcleo de tábuas votivas existente na “capela velha” do Santuário de Nosso Senhor Jesus do Calvário na freguesia de Parada de Pinhão. Este local encerra sobre si as condições necessárias para a implantação de um santuário cristológico: elevação e isolamento propício à meditação e intimidade. É um pequeno monte-sagrado, no "cimo" da povoação, coreograficamente o gólgota. Nesta capelinha eram guardadas, até algum tempo, penduradas na parede com argolas e pregos, 67 tábuas votivas e outros ex-votos. Os ex-votos foram aí colocadas, em cumprimento de promessas pelas graças concedidas pelo "Santo". Oferecidas em cumprimento de um voto ou promessa feita para obter uma graça. Com devoção, isto é, com vontade de servir a Deus, directa ou indirectamente, e subordinado à sua glória e beneplácito toda a vida. Os ex-votos são exemplo desta espontânea e popular prática religiosa. As tábuas, de forma rectangular e de medidas variáveis, pintadas a óleo, sobre madeira de castanho (material nobre, durável e excelente absorvente da tinta a óleo) talhada e polida com grossa; ou sobre chapa de ferro, com ou sem caixilho, eram mandadas pintar pela comissão, como assinalam algumas tábuas. Das que estão datadas, apenas consta o ano, remontando a primeira a 1852 e a última a 1865. São um exemplo de arte sacra popular; constituem uma fonte para o estudo da mentalidade religiosa na segunda metade do séc. XIX.

**KEYWORDS:** The core of votive tablets

**PALAVRAS-CHAVE:** Tábuas Votivas

**Data de submissão:** Dezembro 2009 | **Data de aceitação:** Fevereiro 2010

---

Celestino José Fernandes da Silva. Portugal. Correio electrónico: [celestinodasilv@hotmail.com](mailto:celestinodasilv@hotmail.com)

Luís Manuel Leitão Canotilho – Instituto Politécnico de Bragança. Portugal. Correio electrónico: [luiscano@ipb.pt](mailto:luiscano@ipb.pt)



## INTRODUÇÃO

«O estudo dos santuários do norte de Portugal é um dos processos mais válidos para o conhecimento da mentalidade religiosa popular dessa vasta região.»<sup>1</sup>.

Em Parada de Pinhão, no vistoso santuário do Senhor Jesus do Calvário, no adro de baixo, existe a antiga capelinha do mesmo orago, depois, designada "capela velha". A primeira notícia histórica sobre a toponímia, relativa ao Calvário, «qualquer elevação de terreno difícil de subir. Lugar da crucifissão de Cristo. Elevação representativa desse lugar»<sup>2</sup> remonta a 1767, e tem como fonte o «Livro do Tombo das Rendas e mais Pertenças que tem na Província de Trás-os-Montes pertencente à sua Caza o Conde de Sampaio, 1767»<sup>3</sup>, de onde se descreve «um Souto de Castanheiros ao fundo do Calvário que parte do poente com a Estrada que vai desta Villa para Villa Real»<sup>4</sup> e também: «huma terra por sima do Calvário»<sup>5</sup> e «Outro maninho às Fragas do Calvário.»<sup>6</sup>.

Relativamente ao culto ao Senhor do Calvário, passamos a transcrever um documento que remonta a 20 de Agosto de 1851<sup>7</sup>: «O Prezidente da Junta da Parochia, e membros da mesma, o Reverendo Parocho desta freguezia Lourenço Pires de Carvalho, Bento Taveira e Antonio Lourenço de Azevedo Marques, comigo secretario abaixo asignados, e por elles todos juntos foi determinado, o seguinte: com os homens mais cordatos desta freguezia abaixo asignados que sendo humma obra pia e de utilidade de toda esta freguezia, o dar-se para o Senhor do Calvario

<sup>1</sup> ALVES, Natália Marinho Ferreira - *O santuário do Senhor de Perafita - Aspectos da mentalidade religiosa e popular na Segunda metade do século XVIII*, Col. Memórias do Tempo, Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Vila Real e Instituto Português do Património Cultural, Vila Real, 1997, p.9.

<sup>2</sup> FIGUEIREDO, Cândido de - *Pequeno Dicionário da Língua Portuguesa*, p.265, Livraria Bertrand, Lisboa, 1978.

<sup>3</sup> Arquivo da Junta de Freguesia de Parada de Pinhão.

<sup>4</sup> fl. 261 v.

<sup>5</sup> fl. 396.

<sup>6</sup> fl.59.

<sup>7</sup> Arquivo Distrital de Vila Real, *Livro da Junta da Paróquia de Parada de Pinhão, 1836-1869*, fl.80.

*o Monte dez o fundo da Estrada correndo toda a estrada da banda do norte athe dar na tapada dos Gasparez, cordando toda a tapada da banda do poente athe sima do regato, que vem de da banda de sul desta a baixo, athe dar em huma gateira que esta na Parede dos Vieiras cordiando toda a tapada em redor aonde se ajuntam os caminhos todo este redondo do dito Monte ficara de hoje em diante rendendo para o Senhor do Calvario e assim determinaram e aciganaram e determinaram que se tirasse copia desta determinaram, se remetesse a Camara Municipal deste Julgado para sua aprovação, e esta a remeterão a Ilustríssima Cam digo Ilustríssima Junta Governativa do Districto para sua aprovassam e assim determinaram e o de tudo para constar mandaram fazer este auto que assignaram escrito por mim João Correa da Cunha secretario que o escrevi e asignei*

*O Presidente = e Parocho Lourenço Pires de Carvalho*

*O Membro = Bento Taveira*

*Segundo Antonio Lourenço de Azevedo Marques*

*João Correa da Cunha»*

É um edifício com mais de 150 anos a avaliar pelas datações das tábuas votivas ou ex-votos. Estas são, quase sempre, de índole piedosa e oferecidas a Deus ou a um Santo, em cumprimento de um voto ou promessa feita para obter uma graça. Com devoção, isto é, com vontade de servir a Deus, directa ou indirectamente, e subordinado à sua glória e beneplácito toda a vida. Os ex-votos são exemplo desta espontânea e popular prática religiosa.

As tábuas, de forma rectangular e de medidas variáveis, pintadas a óleo, sobre madeira ou sobre ferro, com ou sem caixilho, eram mandadas pintar pela comissão, como assinalam algumas tábuas. Das que estão datadas, apenas consta o ano, remontando a primeira a 1852.

Falamos de tábuas votivas e não de quadros, pois, pela definição: «*aquilo que tem quatro lados. Quadrado. Moldura ou caixilho que contém painel, qualquer obra de pintura emoldurada*»<sup>1</sup>. Ora, apesar de terem quatro lados, não são quadradas. Mais, a maioria (32) das tábuas não têm caixilho ou moldura, nem contém painéis. A pintura é realizada sobre a tábua, talhada à enxó e polida com grossa, para o efeito de ser suporte da pintura de ex-votos.

Segundo a tradição oral, fonte da memória histórica, a capela era constituída por quatro colunas assentes em alicerces de granito (popularmente designada pedra-de-serra) e com uma armação em madeira de castanho.

Há cerca de um século, um incêndio consumiu todo o madeiramento da estrutura do edifício e fez desmoronar parcialmente o templo. Assim o asseguram as fontes orais e os indícios

<sup>1</sup> FIGUEIREDO, Cândido de - *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*, Porto Editora, 1945.

de combustão em algumas tábuas votivas. Este acontecimento levou à deterioração e mau estado de algumas destas tábuas.

Ainda, segundo testemunhos de alguns anciãos, os membros da Junta da Paróquia mandaram realizar obras. Porém, não dispomos de provas documentais que testemunhem a reconstrução da capela. Tal como aconteceu com a construção, as investigações apesar de intensas sobre "quilómetros" de documentação foram infrutíferas.

Sabemos que os pedreiros e carpinteiros, entre as colunas dóricas existentes, levantaram quatro paredes, armaram um novo travejamento em madeira de castanheiro (popularmente designado por castanho). Nesta estrutura assenta um telhado de duas águas, em telha de caleiro, uma porta com frestas, e com chapa de ferro para evitar apodrecimentos da madeira. No interior, colocaram um tecto em madeira de pinheiro bravo, (comummente designado por pinho), pintado em azul-celeste com estrelas douradas, e um chão lajeado. Ainda, um altar sobre um estrado de madeira e o retábulo policromado representando Jerusalém com uma imagem do Senhor Jesus do Calvário, no gólgota, que era ali venerado.

Nesta capelinha eram guardadas, até algum tempo, penduradas na parede com argolas e pregos, 66 tábuas votivas e outros ex-votos. Os ex-votos foram colocados, no aro da capelinha, em cumprimento de promessas pelas graças concedidas pelo "santo": tranças de cabelo de mulher; crucifixos, "partes do corpo" em cera (pés, mãos, cabeças, braços). Também, círios do tamanho da pessoa curada. Alguém ofereceu, há relativamente pouco tempo, como ex-voto, depois de curada de uma "enfermidade dos ossos", umas "muletas canadianas". Estas, passam de mão em mão, para quem delas necessitar na freguesia, (ou mesmo fora dela) e são designadas "muletas da comissão".

E como cumpriam as promessas? Os devotos forasteiros, de diversas povoações circunvizinhas e até de grande distância vinham, no dia da festa anual, ao santuário do Senhor do Calvário em Parada de Pinhão. Muitos vinham para a feira conduzindo, as suas juntas de bois, vacas, bezerros<sup>1</sup>, animados pelo som das campainhas e guizos e afastando os males (função apotropaica). Chegavam "lestos" e numa demonstração de fé e gratidão, o "paquete"<sup>2</sup> à frente e o dono atrás, de aguilhada<sup>3</sup> em punho, davam várias voltas em redor da capela e a seguir depositavam a sua oferta no interior do templo. Outros cumpriam a pé ou de joelhos, sozinhos ou acompanhados por outras pessoas, rezando o terço.

---

<sup>1</sup> Com coleiras de campainhas e guizos ao pescoço e de molhelha, uma espécie de chapéu de couro com fitas decorativas na frente, posto na cabeça dos bovinos. O dono do gado, se tinha brio, trazia os bichos reluzentes, com o pelo escovado, cornos e as unhas das patas aparados à navalha e as pontas das hastes pintadas de negro.

<sup>2</sup> Designação da função de quem andava na frente conduzindo o gado.

<sup>3</sup> Vara de mando, com um ferrão na ponta, que servia para picar o gado, para o fazer andar mais depressa ou a parar.

Ofertavam frutos dos seus trabalhos, como cachos de uvas temporãs para colocar no andor, trazidas muitas vezes, de Covas do Douro, pelo Sr. Francisco Tomás. Outros entregavam cereais agradecendo a protecção que o Senhor do Calvário concedia aos seus animais. Todas as dádivas em espécie eram arrematadas em leilão cujo rendimento revertia em favor das despesas dos festejos.

Contudo, em termos artísticos, merece toda a atenção o núcleo de tábuas votivas existente nesta capela de Parada de Pinhão. Desde logo, esta povoação reuniu, tal como Perafita no concelho de Alijó, as condições necessárias para a implantação de um santuário cristológico<sup>1</sup>, com elevação e isolamento propício à meditação e intimidade<sup>2</sup>. É um pequeno monte-sagrado, no "cimo" da povoação, coreograficamente o gólgota.

Mais, o mediador não é necessário, é ao próprio Cristo que se referem os fiéis, (à excepção da tábuas votiva n.º 4, onde a mãe de Jesus surge aos pés da cruz em atitude intercessora).

Ao decréscimo do número das tábuas votivas a partir de 1839, em ascensão a partir da década de 60 do século XVIII, ao Senhor dos Milagres, sucedeu o aparecimento das tábuas votivas ao Senhor Jesus do Calvário em Parada de Pinhão, a partir de 1852 em acréscimo, especialmente nas décadas de 50-60 do século XIX.



**Tábua votiva n.º 1** «Milagre que o Senhor do Calvário fez ao Reverendo Manoel Alves Correia de Val de Agodim por por suplicas de Seu Irmão António em 1852»



**Tábua votiva n.º 4** «Por suplicas de D. Antonia D' Barros e Souza de Celeiros O Senhor Jezus do Calvário, lhe concedeu o Millagre de que seu Irmão Padre Joze, Vencesse a Molestia de que esteve em PRIGO de vida. Março de 1854»

<sup>1</sup> A Cristologia é a parte da teologia que se ocupa da pessoa e doutrina de Cristo.

<sup>2</sup> E ao namoro.





**Tábua votiva n.º 2** «Por suplicas e rogos de Deroteia Engeitada de Parada de Pinhão foi servido o Bom Iezu do Calvario depararlhe o dinheiro perdido [...] aos tratos no Anno de 1852»



**Tábua votiva n.º 5** «Millagre que fes o Senhor do Calvario a Maria Alves do Carmo que tendo a molestia do Reumatico recoperou milhoras 1854 de S. Lourenço»



**Tábua votiva n.º 3** «Millagre que fes o Senhor do Calvario a Joana Maria Rabella do Lugar de Fermentoins librandõa de hua grande molestia e enfermidade 1854 »



**Tábua votiva n.º 6** «O Senhor do Calvario deu Saude á Anna Turrilha do Lugar de S. Lourenço que padecia do Reumático 1854 »



**Tábua votiva n.º 7** «Millagre que fes o Senhor do Calvario a Excelentissima Senhora D.Monica Augusta de Barros Cardozo Barata Valendolhe em hua grande aflicção 1854»



**Tábua votiva n.º 10** «Millagre que fes o Senhor do Calvario a Manuel Alvez Fernandez de Val de Agodim restituindolhe o juízo perdido por suplicas de alguns devotos 1856»





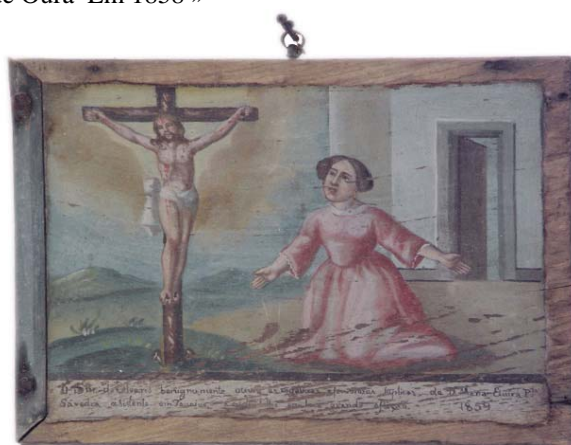
**Tábua votiva n.º 8** «Millagre que Fes o Senhor do Calvario Cuurar ou ã debota 1855»



**Tábua votiva n.º 11** «Millagre que fes o Senhor do calvario a maria Ignacia Ferreira Caldas de Vila Verde de Oura Em 1858 »



**Tábua votiva n.º 9** «Por Suplicas de alguns devotos foi Servido o Bom Jezus do Calvario que D.Julia Barata de S. Lourenço herdaçe hua boa herança 1856 »



**Tábua votiva n.º 12** «O Senhor do Calvario benignamente ouviu as rogativas e fervorozas suplicas de D.Maria Elvira Pinto Savedra assistente em Favaios acudindolhe em hua grande aflição 1859»



**Tábua votiva n.º 13** «Livrou da Morte o Bom Jezus do Calvario, a Rodrigo Alves Vilela desta freguesia de Parada de Pinhão que estando nos ultimos paroxismos de vida o Senhor ouvindo as suas suplicas de devotos lhe concedeu a vida 1859»



**Tábua votiva n.º 16** «O Bom Jezus do Calvario ouviu as vivas e fervorozas suplicas de devotas peçoas a favor de D. Monica Augusta Barata que estando em perigo de Vida o Senhor a livrou da Morte 1859»





**Tábua votiva n.º 14** «Estando Umbelina Correia desta freguesia gravemente enferma o Bom Jezus ouvindo as rogativas desta e de outros de Votos lhe deu saude 1859»



**Tábua votiva n.º 17** «Ouvio benignamente o Bom Jezus do Calvario as rogativas de algumas devotas a favor do Reverendo Abade de Lamares que estando sem esperanças de vida o Senhor o librou da morte anno 1860»



**Tábua votiva n.º 15** «Milagre que fes o Senhor do Calvario a Jeronimo Alves que estando enfermo e sem esperanças de vida o Senhor o livrou da Morte avendo supplicas de alguns devotos 1859»



**Tábua votiva n.º 18** «Ouvio benignamente o Senhor Jezus do Calvario as rogativas de alguns devotos a favor de Manoel Monteiro filho de Anna Monteiro Ferreira assistente em Cabeda, livrando-o de Soldado Em 1861»



**Tábua votiva n.º 19** «Librou de grandes Colicas e afflições o Senhor Jezus do Calvario; por supplicas de alguns devotos D. Mariana de Souza Rebello de Paradella freguezia de Villarinho de S. Romão 1861»



**Tábua votiva n.º 22** «Milagre que fes o Senhor do Calvario a Francisco Monteiro da Veiga e Silva do Lugar da Balça que falçamente lhe pozerão a falta de hum pezo de milhão mas o rogos de hua devota se veio a descubrir quem foi 1862» N.B. há ainda frases proferidas pelos devotos: ela: «tende compaixão» ele «discubri o Senhor quem foi»





**Tábua votiva n.º 20** «Forão atendidas pello Senhor Bom Jezus do Calvário as rogativas fervorozas de alguns devotos, a favor de Marianna Denis, natural de Sapioins, freguezia de Mondroins, librando-a de hua alienação de Juizo em 1861»



**Tábua votiva n.º 23** « Librou de hua grave e terrivel enfermidade o Bom Jezus do Calvário a Anna Ribeiro Roma natural de Fermentoins , por suplicas e rogativas de alguns devotos e bemfeitores do mesmo Senhor 1862»



**Tábua votiva n.º 21**« Por fervorozas suplicas de alguns devotos deu o Bom Jezus do calvário saude a D. Maria das Dores Pinto Furtado filha do Illustrissimo Senhor Domingos Pinto de Villar de Maçada em 1861»



**Tábua votiva n.º 24** « Millagre que fes o Bom Jezus do Calvário a Joanna Maria Correia de Fermentoins, que estando entrevada por via de hum Reomático suplicou ao Senhor que logo lhe deu Saúde 1862»



**Tábua votiva n.º 25** «O Bom Jezus do Calvário, ouviu misericordiozo as suplicas fervorozas de alguns devotos a favor do Illustrissimo Senhor Augusto de Souza Rebello do lugar de Paradella de Seleiros librando-o de hum terrivel Reomatismo queo teve lançado a sepultura. Anno de 1862»



**Tábua votiva n.º 28** «Millagre que fes o Senhor do Calvário a Antonio Ribeiro de Fermentoins que tendo dous filhos Antonio e João, este, estando [em] perigo de vida o Senhor o librou da morte e outro estando proximo para soldado sem esperanças de Libramento o Senhor o declarou libre. 1864»



**Tábua votiva n.º 26** «Ouvio e atendeo o Bom Jezus do Calvário as rogativas de alguns devotos a favor do Illustrissimo Senhor Sebastião Machado Botelho ja defunto e de sua Senhora a Excelentissima Senhora D. Luiza de Souza do Lugar de Relvas e como estes Illustres Senhores con responderão com seus donativos ao Millagrozo Senhor mandou a comição pintar este millagre para constar 1862»



**Tábua votiva n.º 29** «Anna Alves Villela assistente na cama estando gravemente enferma sem esperanças de vida recorreu ao Bom Jezus do Calvário e logo teve saude. em 1865»



**Tábua votiva n.º 27** «Alcançou a saude perdida por cauza de graves molestias, Maximo Gonçalves residente em S.Lourenço de Ribá Pinhão, por suplicas de alguns devotos que pedirão ao Senhor do Calvário 1862 »



**Tábua votiva n.º 30** Maria da Rocha Carvalho e sua filha Maria gravemente enfermas hua com maleitas e outra com hum cirro perigozo em parte melindroza recorrerão ao Bom Jezus do Calvário, e logo tiveram saude 1865 »



**Tábua votiva n.º 31** «Millagre que fes o Senhor do Calvário a Joana de Mattos do Lugar de Arroios que tendo hu Filhinho nos ultimos paroçismos da vida espaço de cinco dias o Senhor lhe deu vida.»



**Tábua Votiva n.º 34** «Millagre que fes o Senhor do Calvário a Francisco Mançinho do Reino da Galiza dando- lhe saude de hua grave doença»





**Tábua votiva n.º 32** «Grande milagre que o Divino Senhor fez a Marta do Carmo do Assento de Paços que estando as portas da morte com uma perleza com o rosto muito desfigurado o Senhor lhe deu saúde»



**Tábua votiva n.º 35** «Estando dezenganada dos Medicos e sem esperança de viver Maria Molher de Manoel Batista de Gache suplicou ao Bom Jezus do Calvario e outros de votos, escapou da Morte»



**Tábua votiva n.º 33** «Por suplicas de Ilena Maria Gonçalves Serodia de Fermentins deu o Senhor Saude a hua sua Irmã»



**Tábua votiva n.º 36** «Millagre que fes o Senhor do Calvario a Anna Joaquina Molher de Manoel Joaquim assistente em Parada de Pinhão o Senhor a librou da Morte e lhe deu saúde»



**Tábua votiva n.º 37** «Millagre Vezivel que o Bom Jezus do Calvario Fes a D. Maria Adelaide Souza deste lugar de Parada de Pinhão restituindolhe a Saude perdida»



**Tábua votiva n.º 40** «Millagre que fes o Senhor do Calvario a Maria Gomes, de S. Lourenço que estando quazi cega o Senhor lhe deu vista»





**Tábua votiva n.º 38** «Millagre que fes o Senhor do Calvario a Mariana Fernandes desta freguezia de Parada de Pinhão que tendo padecido grandes e exceçivas dores motivadas de alguas quedas com as quaes feria alguns orgãos interiores de que já não tinha esperança de vida, mas recorrendo ao Bom Jezus, elle lhe deu melhoras»



**Tábua votiva n.º 41** «Por rogos e Supplicas d'Alguns de Devotos deu vista o Benigno Jezus a hum Boi de Matheos Monteiro do Velleirinho desta freguezia que esteve sego dos olhos ambos»



**Tábua votiva n.º 39** «Livrou da morte por Cauza d'um parto prigozo o Divino Jezus do Calvario D. Jullia Barata de São Lourenço por ferverozas supplicas e rogativas de alguns devotos»



**Tábua votiva n.º 42** «Por rógos e Supplicas d' hum Criado do S. Antonio Ferreira Fontes de Villa Real deo o Bom Jezus do Calvario saude a um Macho q' deitou um sobressos; sem lhe fazer remedio algum temporal»



**Tábua votiva n.º 43** «Deu Saude o Milagrozo Senhor do Calvario a Irmãa de Antonio Niza d'Villa Seca de Gravelos estando em prigo de Vida em termos de perder huma perna ou a vida»



**Tábua votiva n.º 46** «Millagre que fes o Senhor do Calvario a hua devota»



**Tábua votiva n.º 44** « Millagre que Fes o Senhor do Calvario humma sua de Vota de Villa Verde»



**Tábua votiva n.º 47**« Millagre que fes o Senhor do Calvario a Manoel Thomas de Freitas desta freguesia que tendo [...] molestias de hua constipação, pedio ao Bom Jezus [lh]e deçe saud[e] benif[i]cio em 18[6]»



**Tábua votiva n.º 45** «Margarida Teixeira Junior estando em grande perigo de perder a Vida com hum Cirro em hum peito, o Senhor do Calvario lhe deu Saude»



**Tábua votiva n.º 48**« Anna da Rocha Ceira e Antonia Alves da Rocha ambas de Fermentoins estando em perigo de Vida com grande ataque de Sangue sem esperanças de Vida já com todos os Sacramentos o Bom Jezus do Calvario lhe deu saude e as librou da morte [...]»



**Tábua votiva n.º 49** «Millagre que fes o Senhor do Calvario a Maria Joaquina ] [...] Pararada de Pinhão, hoj[e] [re]si[den]t[e] em Alfandega da Fé [ilegível e deteriorada] em febre pelo [ilegível] fe[s] contr[a] t[odos] [ilegível e deteriorada]»



**Tábua votiva n.º 50** «Ouvio o Senhor do Calvario as Suplicas e Rogos de Anna Torrilha assistente em S. Lourenço uzando de Mezircordia com ella em hua grande aflicção»





À esquerda: **Tábua votiva n.º 51**  
Em estado mau estado de conservação.



Em baixo: interior da capelinha do Senhor Jesus do Calvário, com as tábuas votivas e outros ex-votos, (1993).



<b>Cronologia</b>	<b>Materiais</b>	<b>Estado</b>	<b>Motivos</b>	<b>Povoações</b>	<b>Pessoas</b>	<b>Ordenação</b>
1852	Óleo sobre madeira, s/caixilho	Mau	Milagre	Vale de Agodim	Manoel Alves Correia, (Reverendo Padre), por súplicas do seu irmão António.	Tábua Votiva n.º 1
1852	Óleo sobre madeira, s/caixilho	Mau	Dinheiro perdido	Parada de Pinhão	Doroteia “enjeitada”	Tábua Votiva n.º 2
1852	Óleo sobre madeira, s/caixilho	Mau	Grande moléstia	Fermentões	Maria “Rabela”	Tábua Votiva n.º 3
1854 (Março)	Óleo sobre madeira, c/caixilho	Mau	Moléstia	Celeirós	Padre Jozé por súplicas de D. Antónia de Barros e Souza	Tábua Votiva n.º 4
1854	Óleo sobre madeira, s/caixilho	Mau	Reumático	S. Lourenço	Maria do Carmo	Tábua Votiva n.º 5
1854	Óleo sobre madeira, s/caixilho	Razoável	Reumático	S. Lourenço	Ana Turrilha	Tábua Votiva n.º 6
1854	Óleo sobre madeira, s/caixilho	Mau	Grande aflição	s/l	Ex. <sup>a</sup> Sr. <sup>a</sup> D. <sup>a</sup> Mónica Augusta de Barros Cardoso Barata	Tábua Votiva n.º 7
1855	Óleo sobre madeira, s/caixilho	Mau	Milagre	s/l	Uma sua devota	Tábua Votiva n.º 8
1856	Óleo sobre madeira, c/caixilho	Mau	Herdasse uma boa herança	S. Lourenço	D. Júlia Barata, por súplicas de alguns devotos	Tábua Votiva n.º 9

<b>Cronologia</b>	<b>Materiais</b>	<b>Estado</b>	<b>Motivos</b>	<b>Povoações</b>	<b>Pessoas</b>	<b>Ordenação</b>
1856	Óleo sobre madeira, c/caixilho	Mau	Juízo perdido	Vale de Agodim	Manoel Alves Fernandes, Por súplicas de alguns devotos.	Tábua Votiva n.º 10
1858	Óleo sobre madeira, s/caixilho	Razoável	Milagre	Vila Verde de Oura	Maria Ignácia Ferreira Caldas	Tábua Votiva n.º 11
1859	Óleo sobre madeira, c/caixilho	Mau	Grande aflição	Favaio	D. <sup>a</sup> Maria Elvira Pinto Saavedra, assistente religiosa	Tábua Votiva n.º 12
1859	Óleo sobre madeira, c/caixilho	Mau	Últimos paroxismos de vida	Parada	Rodrigo Alves Vilela, por súplicas de devotos	Tábua Votiva n.º 13
1859	Óleo sobre madeira, c/caixilho	Mau	Gravemente enferma	Parada de Pinhão	Umbelina Correia, por rogativas desta e de outros devotos	Tábua Votiva n.º 14
1859	Óleo sobre madeira, s/caixilho	Mau	Sem esperanças de vida	São Lourenço	Jerónimo Alves, havendo súplicas de alguns devotos	Tábua Votiva n.º 15
1859	Óleo sobre madeira, c/caixilho	Mau	Perigo de vida	s/l	D. <sup>a</sup> Mónica Augusta Barata por vivas e fervorosas súplicas de devotas pessoas.	Tábua Votiva n.º 16
1860	Óleo sobre madeira, s/caixilho	Razoável	Sem esperanças de vida	Lamares	Reverendo Abade de Lamares, por rogativas de algumas devotas	Tábua Votiva n.º 17
1861	Óleo sobre madeira, s/caixilho	Mau	Livrando-o de soldado	Cabeda	Manoel Monteiro, filho de Ana Monteiro Fernandes, por rogativas de alguns devotos	Tábua Votiva n.º 18
1861	Óleo sobre madeira, s/caixilho	Mau	Cólicas e aflições	Paradela (Vilarinho de S.Romão)	D. <sup>a</sup> Mariana de Souza Rebelo	Tábua Votiva n.º 19

<b>Cronologia</b>	<b>Materiais</b>	<b>Estado</b>	<b>Motivos</b>	<b>Povoações</b>	<b>Pessoas</b>	<b>Ordenação</b>
1861	Óleo sobre madeira, s/caixilho	Mau	Livrando-a de uma alienação de juízo	Sapiões, Mondrões	Mariana Denis., por rogativas de alguns devotos	Tábua Votiva n.º 20
1861	Óleo sobre madeira, s/caixilho	Razoável	Deu saúde	Vilar de Maçada	D. <sup>a</sup> Maria das Dores Pinto Furtado filha do Sr. Domingos Pinto. (por súplicas de alguns devotos)	Tábua Votiva n.º 21
1862	Óleo sobre madeira, s/caixilho	Mau	Reposição de milho (milho) em falta	Lugar da Balsa	Francisco Monteiro da Veiga e Silva	Tábua Votiva n.º 22
1862	Óleo sobre madeira, c/caixilho	Mau	Terrível enfermidade	Fermentões	Ana Ribeiro Roma, por súplicas e rogativas de alguns devotos e benfeitores do mesmo Senhor	Tábua Votiva n.º 23
1862	Óleo sobre madeira, c/caixilho	Mau	Reumático agudo	Fermentões	Joanna Maria Correia	Tábua Votiva n.º 24
1862	Óleo sobre madeira, c/caixilho	Mau	Reumatismo	Paradela de Celeirós	Ilustríssimo Sr. Augusto de Souza Rebelo, por súplicas fervorosas de alguns devotos	Tábua Votiva n.º 25
1862	Óleo sobre madeira, c/caixilho	Mau	Já defunto	Lugar de Relvas	Sr. Sebastião Machado Botelho, por rogativas de alguns devotos e de sua Sr. <sup>a</sup> . D. <sup>a</sup> Luísa Ferreira de Souza, mandou a comissão pintar este milagre	Tábua Votiva n.º 26
1862	Óleo sobre madeira, c/caixilho	Mau	Graves moléstias	S. Lourenço de Ribapinhão	Máximo Gonçalves	Tábua Votiva n.º 27



<b>Cronologia</b>	<b>Materiais</b>	<b>Estado</b>	<b>Motivos</b>	<b>Povoações</b>	<b>Pessoas</b>	<b>Ordenação</b>
1864	Óleo sobre madeira, s/caixilho	Mau	Livrou da morte e outro e o declarou livre de Soldado	Fermentões	António e João por súplicas de seu pai António Ribeiro	Tábua Votiva n.º 28
1865	Óleo sobre madeira, s/caixilho	Razoável	Sem esperanças de vida	s/l	Ana Alves Vilela, assistente	Tábua Votiva n.º 29
1865	Óleo sobre madeira, s/caixilho	Razoável	Uma com maleitas e outra com hum cirro perigoso	s/l	Maria da Rocha Carvalho e sua filha Maria	Tábua Votiva n.º 30
s/d	Óleo sobre madeira, c/caixilho	Mau	Últimos paroxismos da vida	Arroios	Um filhinho de Joanna de Matos	Tábua Votiva n.º 31
s/d	Óleo sobre madeira, s/caixilho	Razoável	Paralisia com o rosto muito desfigurado	Assento de Paços	Marta do Carmo	Tábua Votiva n.º 32
s/d	Óleo sobre madeira, s/caixilho	Mau	Deu saúde	Fermentões.	A sua irmã por súplicas de Helena Maria Gonçalves Serôdia.	Tábua Votiva n.º 33
s/d	Óleo sobre madeira, c/caixilho	Mau	Grave doença.	Reino da Galiza	Francisco Mançinho	Tábua Votiva n.º 34
s/d	Óleo sobre madeira, c/caixilho	Razoável	Desenganada dos médicos	Gache	Maria, mulher de Manoel Batista por suas súplicas e de outros devotos	Tábua Votiva n.º 35
s/d	Óleo sobre madeira, c/caixilho	Mau	Livrou da morte	Parada de Pinhão	Ana Joaquina, mulher de Manoel Joaquim	Tábua Votiva n.º 36
s/d	Óleo sobre madeira, s/caixilho	Mau	Restituindo-lhe a saúde	Parada de Pinhão.	D. <sup>a</sup> Maria Adelaide Souza	Tábua Votiva n.º 37

<b>Cronologia</b>	<b>Materiais</b>	<b>Estado</b>	<b>Motivos</b>	<b>Povoações</b>	<b>Pessoas</b>	<b>Ordenação</b>
s/d	Óleo sobre madeira, s/caixilho	Mau	Dores motivadas por algumas quedas	Parada de Pinhão	Mariana Fernandes	Tábua Votiva n.º 38
s/d	Óleo sobre madeira, s/caixilho	Razoável	Por causa de um parto perigoso	São Lourenço	D.ª Júlia Barrela	Tábua Votiva n.º 39
s/d	Óleo sobre madeira, s/caixilho	Razoável	Quase cega	S. Lourenço	Maria Gomes	Tábua Votiva n.º 40
s/d	Óleo sobre madeira, s/caixilho	Mau	Vesgo	s/l	Mateus Monteiro e de mais alguns devotos	Tábua Votiva n.º 41
s/d	Óleo sobre madeira, s/caixilho	Mau	Deitou um sobre osso	s/l	Por rogos e súplicas de um criado do Sr. António Ferreira Fontes de Vila Real	Tábua Votiva n.º 42
s/d	Óleo sobre madeira, s/caixilho	Razoável	Em termos de perder uma perna ou a vida	Vila Seca de Gravelos	Irmã de António Niza	Tábua Votiva n.º 43
s/d	Óleo sobre madeira, s/caixilho	Mau	Milagre	Vila Verde	Uma sua de Vota	Tábua Votiva n.º 44
s/d	Óleo sobre madeira, c/caixilho	Mau	Cirro em hum peito	s/l	Margarida Teixeira Júnior	Tábua Votiva n.º 45

<b>Cronologia</b>	<b>Materiais</b>	<b>Estado</b>	<b>Motivos</b>	<b>Povoações</b>	<b>Pessoas</b>	<b>Ordenação</b>
s/d	Óleo sobre madeira, s/caixilho	Mau	Milagre	s/l	A uma sua devota	Tábua Votiva n.º 46
s/d	Óleo sobre madeira, s/caixilho	Mau	Constipação	Parada de Pinhão	Manoel Tomás de Freitas	Tábua Votiva n.º 47
s/d	Óleo sobre madeira, s/caixilho	Mau	Grande ataque de sangue	Fermentões	Ana da Rocha Ceira e Antónia Alves da Rocha	Tábua Votiva n.º 48
s/d	Óleo sobre madeira, s/caixilho	Mau	Febre	Parada de Pinhão	Maria Joaq[uina ]	Tábua Votiva n.º 49
s/d	Óleo sobre madeira, s/caixilho	Mau	Grande aflição	S. Lourenço	Ana Torrilha	Tábua Votiva n.º 50

<b>Frequência</b>		<b>Motivos</b>		<b>Povoações</b>	<b>Curados</b>
1852	3	Milagre	5	Parada de Pinhão	7
1853	0	Graves enfermidades	4	S. Lourenço	7
1854	4	Reumático	4	Vale de Agodim	2
1855	1	Últimos paroxismos	4	Balça	1
1856	2	Moléstia	3	Cabeda	1
1857	0	Aflição	3	Celeirós	1
1858	1	Deu saúde	3	Favaios	1
1859	5	Alienação do juízo	2	Fermentões	6
1860	1	Livrou de soldado	2	Gache	1
1861	4	Boa herança	1	Lamares	1
1862	6	Cegueira	1	Paradela de Celeirós	1
1863	0	Cólicas	1	Reino da Galiza	1
1864	1	Cirro	1	Relvas	1
1865	2	Cirro em um peito	1	Sapiões	1
		Dinheiro perdido	1	Vilar de Maçada	1
		Desenganado dos médicos	1	Vilarinho de São Romão	1
		Dores provocadas por quedas	1	Vila Verde de Oura	1
		Grave doença	1	Vila Seca de Gravelos	1
		Livrou da morte	1	Vila Verde	1
		Maleitas	1		
		Parte perigosa	1		
		Perder uma perna	1		
		Perigo de vida	2		
		Paralisia no rosto	1		
		Reposição de milhão	1		
		Sobre osso a um macho	1		
		Sem esperanças	1		
		Vesgo (boi)	1		



## ANÁLISE

As Tábuas Votivas, na sua maioria (30), estão datadas e são das décadas de 50 (16) e 60 (14). Nos anos de: 1852, 1854-1856 e 1858-1862, com destaque para 1862 (6). As que não possuem datação serão anteriores ou posteriores a estas décadas?

De referir que o arquitecto e crítico de arte Mário de Oliveira, em artigo publicado na Revista *Tellus* n.º 24, intitulado: «A Arte "Naif", nasceu no Santuário de Perafita»<sup>14</sup>, identifica um ex-voto ao Bom Jesus do Calvário, pertencente à Capela do Senhor Jesus do Calvário em Parada de Pinhão, que se reproduz neste trabalho, ver tábuas votivas n.º 16, com a mesma imagem e transcrição: «o Bom Jezus do Calvário ouviu as vivas e fervorosas suplicas de devotas peçoas a favor de D. Mónica Augusta Barata estando em perigo de vida o Senhor a livrou da Morte 1859»<sup>15</sup>.

Não foi possível realizar medições das dimensões das tábuas votivas, em virtude de estas se acharem em depósito privado, e afastadas do público em geral. Quanto aos materiais usados temos a madeira de castanho polido, que é material nobre e durável, que absorve bem a tinta a óleo. Algumas têm formas circulares nos cantos superiores (tábua votiva n.º 37). Muitas das tábuas votivas, colocadas na parede com prego, penduradas com fio e seguras com argola na parte superior da tábua: (tábuas votivas n.º s: 12-14, 16, 23, 24, 26, 28-30, 34, 35, 36, 47; às vezes mais de uma: (tábuas votivas n.º s: 4, 15, 27); outras directamente pregadas na parede: (tábuas votivas n.º s: 3, 5, 6, 8, 17-20, 33, 37-41, 43, 44, 48-50); fixadas com fio com argola e prego: (tábuas votivas n.º s: 1, 2, 7, 9-11, 21, 22, 25, 32, 38, 42, 47); ou mesmo em arame (tábuas votivas n.º s: 45, 46) ou barço (tábua votiva n.º 47). O estado das tábuas votivas, à data em que foram fotografadas 1993, em estado razoável (11) e era mau na sua maior parte (39).

Da análise realizada, ressaltam alguns aspectos interessantes, para o estudo das mentalidades da época, nomeadamente, os motivos dos milagres: o simples milagre (5), as graves enfermidades; reumático, últimos paroxismos (4) a moléstia, aflição, dar saúde (3); alienação do juízo, livrar de soldado (2); herdasse uma boa herança, cegueira, cólicas, cirro em parte melindrosa, cirro em um peito, deparar-lhe o dinheiro perdido, desenganado dos médicos, dores provocadas por quedas, grave doença, livrou da morte, maleitas, parte perigosa, perder uma perna, perigo de vida, paralisia no rosto, reposição

<sup>14</sup> OLIVEIRA, Mário de - «A Arte "Naif" nasceu no Santuário de Perafita», In Revista *Tellus*, p.66.

<sup>15</sup> Ibidem.

de milhão, (repuseram milho), sobreosso (sobre osso) a um macho, sem esperanças, deu vista a um boi vesego (vesgo) de ambos os olhos (1). Quando se escreve assistente (assistente), quer-se dizer acamado. Os grandes paroxismos significam: intensidade de um acesso de uma dor, de uma doença, ou a mesmo a agonia e proximidade da morte. As moléstias são designações de: doença, achaque, incómodo físico, enfado, desgosto, inquietação, febre. A alienação e a perda do Juízo são: sinónimos de doença mental. O cirro é a antiga designação de tumor canceroso. Quando se referem a partes melindrosas, tratam-se dos órgãos genitais. A perlezia (paralisia), com o rosto muito desfigurado, é um modo elegante de dizer acidente vascular cerebral (AVC).

Constante motivo é o de "livrar da tropa", como será nas décadas de 60/70 do século XX. Outros motivos, mais materialistas são-no: o de "herdar uma boa herança", "restituir o milho perdido".

Quanto à procedência das pessoas (37), vinham grandemente da Freguesia de Parada de Pinhão (7), ou de povoações circunvizinhas: S. Lourenço (de Riba Pinhão) (7), Fermentóis (Fermentões, Freguesia de Paços) (6), Val de Agodim, (Vale de Agodim) pertencente à paróquia de Parada de Pinhão (2); tal como Balça (Balsa) (1), Gache, Lamares, Villar de Maçada, Villa Verde, Cabeda (1), Villarinho de São Romão, Celeiros (Celeirós do Douro), Paradella de Seleiros, Favaios (1). Mais distantes: como Sapióis (Sapiões, Freguesia de Mondrões), Relvas, Vila Seca de Gravellos, Villa Verde de Oura, ou no estrangeiro do Reyno da Galiza, Espanha (1).

Os devotos nem sempre estão sós na oração, rezam com eles "alguns dos seus fiéis", rogando e suplicando pelo doente. Portanto, haveria uma solidariedade dos familiares ou dos amigos mais próximos, que intercediam junto do Senhor.

Quanto aos crentes, raramente, são identificadas as suas ocupações. Apenas nos casos de: Manoel Alves Correia, Padre; D.<sup>a</sup> Maria Elvira Pinto Saavedra, assistente religiosa; o abade de Lamares e um criado do Senhor António Ferreira Fontes de Vila Real.

Quanto ao estatuto social temos as situações de: Doroteia Enjeitada de Parada de Pinhão; aqueles a quem são atribuídos os Dons (Fidalguia) a: Ex. <sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> D.<sup>a</sup> Mónica Augusta de Barros Cardoso Barata; D.<sup>a</sup> Júlia Barata de S. Lourenço; D.<sup>a</sup> Mónica Augusta Barata; D.<sup>a</sup> Maria Elvira Pinto Saavedra de Favaios; D.<sup>a</sup> Mariana de Souza Rebelo, de Paradela, Freguesia de Vilarinho de São Romão; D.<sup>a</sup> Maria das Dores Pinto Furtado, filha do Ilustríssimo Sr. Domingos Pinto de Vilar de Maçada; D.<sup>a</sup> Adelaide de Souza de Parada de Pinhão, D.<sup>a</sup> Júlia Barrela de São Lourenço. Ainda os ilustríssimos:

Sr. Augusto de Souza Rebelo de Paradela de Celeirós; Sr. Sebastião Machado Botelho e sua Sr.<sup>a</sup> a Ex.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> D.<sup>a</sup> Luísa Ferreira de Souza, do lugar de Relvas.

As pessoas são representadas com grande realismo: numa expressão feliz de D.<sup>a</sup> Júlia Barata (tábua votiva n.º 3); tratando-se da alienação do juízo, aponta para a cabeça e está com uma feição triste (tábua votivas n.ºs: 10 e 20); aponta aos olhos como indicando a causa da sua súplica 8 tábua votiva n.º 40). Há súplicas saídas da boca dos devotos (tábua votiva n.º 22); uma devota de mão colocada sobre o peito (tábua votiva n.º 45). Há representações nítidas de seios, referindo-se a cirro, de um peito da mulher (tábua votiva n.º 49). O Boi é apresentado, de olhos fechados, mostrando a cegueira de ambos os olhos (tábua votiva n.º 41). Os homens têm, grandemente, os cabelos compridos (tábuas votivas n.º s: 1, 31, 35, 41,43), usariam patilhas (tábua votiva n.º 35), barba e bigode (tábua votiva n.º 47). As mulheres usavam “poupo” no cabelo (tábuas votivas n.º s: 46, 48).

Quando podiam andar em andas ou muletas, deslocar-se-iam ao Santuário (tábuas votivas n. n.ºs: 24 e 38). Quando eram representados num espaço de intimidade, como é o quarto, onde os doentes se encontram assistentes ou acamados, estes são representados como se estivessem transportados com a cama para um Santuário. Estão em atitude de súplica, com outras pessoas orando em genuflexão (curiosamente na tábua votiva n.º 43, com um só joelho).

No que se refere à indumentária regista-se: o reverendo aparece de batina e sobrepeliz e estola (tábua votiva n.º 1); o uso de capa (tábua votiva n.º 46); camisas brancas, colete, (tábuas votivas n.º s: 15, 42); casacos: comprido e curto (tábuas votivas n.º s: 14, 16, 18); uso de punhos de renda (tábuas votivas n.º s: 14 e 16); xaile branco (tábuas votivas n.º s: 21; 48); lenço na cabeça das mulheres (tábuas votivas n.º s: 22, 50), lenço branco, (tábuas votivas n.º s: 30, 38); chapéu preto (tábuas votivas n.º s: 42; 45) ou chapéu alto (tábua votiva n.º 9); gravata (tábua votiva n.º 42). Sapato preto (tábua votiva n.º 50); meia branca (tábua votiva n.º 50). Pijamas, sempre brancos (tábuas votivas n.º s 29, 34). Ainda: travesseiro (tábua votiva n.º 31); com travessa da cama (tábuas votivas n.º s 18, 26, 29, 32, 34, 36, 39, 43) e lençóis brancos, (tábuas votivas n.º s: 18,26,29); colcha vermelha, (tábuas votiva n.º s: 18, 26, 29, 31), colcha azul, (tábuas votivas n.º 32, 45); todos vestem igual (tábua votiva n.º 28)

Jesus Cristo é, quase sempre, representado em um monte sagrado (o gólgota). Nas pinturas dos ex-votos, com a cidade santa de Jerusalém cercada de pinheiros bravos em profundidade: (tábuas votivas n.º s 17, 18, 19). Assim, estava representado na

capela velha e é repetido o motivo na capela nova. Maioritariamente pintado como Jesus de Nazaré Rei dos Judeus, (J.N.R.J.), nas tábuas votivas n.º s: (1, 2, 4-8, 11, 14, 17-30, 33, 37, 38, 44, 45, 48-50). Com cravos nos pés (tábuas votivas n.º s 14, 16, 18, 21, 27, 29); com um pedestal, onde assenta a imagem de Jesus Cristo crucificado, (tábua votiva n.º 26); túnica para o lado direito apenas a tábua votiva n.º 21; nos resplendores "da luz perpétua" (tábua votiva n.º 18). É nítida a noção de profundidade, do crepúsculo com a representação de montes a norte, indicadores da paisagem natural da região, (tábuas votivas n.º s 17, 49).

Quanto ao mobiliário são notados: o tripé (tábuas votivas n.º s: 17, 26); a chávina e pires e remédio da Botica (tábua votiva n.º 47); garrafa (tábua votiva n.º 47) e vasilhas diversas (tábua votiva n.º 47). Cama e um berço (tábua votiva n.º 31); cama de madeira, com travessas de madeira, (tábua votiva n.º 34); camas esculpidas, (tábuas votivas n.º s: 5, 36, 45); uso de mesinha de cabeceira e tripé (tábua votiva n.º 26); mesinha de cabeceira esculpida (tábua votiva n.º 35); cadeira de costas (tábuas votivas n.º s: 5, 30); cadeira de costa e braços (tábua votiva n.º 1) mesa de 4 pernas (tábua votiva n.º 47). Há na tábua votiva n.º 11 esboços de outras pinturas em quadros emoldurados (na sala com frisos e rodapés).

No que se refere ao uso de cores, predominantes, temos: o azul-celeste (para representação da atmosfera do "céu"); o vermelho, branco e castanho (para o vestuário); o dourado (resplendores e caixilhos envolventes), verde (para representação dos elementos da natureza); castanho (móveis), e mais disseminadas outras cores: preto, laranja, e roxo.

## **PROPOSTAS PARA O FUTURO**

Seria necessário em primeiro lugar que as autoridades competentes pudessem avaliar a importância deste núcleo artístico de tábuas votivas, e de outros ex-votos, criando condições de conservação e segurança para que possam ser expostas e visitadas pelo público em geral.

Este património material deveria ser objecto de projecto de roteiro cultural, que integrasse os acervos interessantes desta arte relevante para o estudo das mentalidades do Norte de Portugal.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Natália (1997) *O Santuário do Senhor de Perafita - Aspectos da mentalidade religiosa e popular na Segunda metade do século XVIII*. Coleção Memórias do Tempo, Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Vila Real e IPPC: Vila Real;

ALVES, José (1983) *Matias Lourenço de Matos Mestre Pedreiro de Vila Real no Século XVIII (Aportações Documentais para o Estudo da sua Actividade)*. Separata de *Estudos Transmontanos I*: Vila Real;

ALVES, Natália; ALVES, Joaquim (1983) *Subsídios para um Dicionário de Artistas e Artífices que trabalharam em Trás-os-Montes nos Séculos XVII e XVIII (I)*. Separata da Revista de História, Volume V: Porto;

ALVES, Natália; ALVES, Joaquim (1981) *Alguns Artistas e Artífices de Entre Douro e Minho em Vila Real e seu termo nos séculos XVII e XVIII*. Separata da Revista *Bracara Augusta*, XXXV, fasc. 79(92): Braga;

PEREIRA, José; LEROU, Paule; COSTA; Rui (1998) *Piedade Barroca em Portugal, Nordeste Centro-Norte*. Tomo II. Centre Nationale de Recherche Cientifique/ Centro de História e Cultura/ Universidade Nova de Lisboa, Edições Távola Redonda/ Letuzey & Ané: Lisboa.

## **FONTES MANUSCRITAS**

*Livros de Actas da Câmara Municipal de Parada de Pinhão, 1589- 1731, Arquivo Distrital de Vila Real;*

*Cartório Notarial de Tabeliães do 1º Ofício de Parada de Pinhão, 1764- 1837, Arquivo Distrital de Vila Real;*

*Testamentos de Parada de Pinhão 1720-1747, Arquivo Distrital de Vila Real;*

*Testamentos de Parada de Pinhão 1747-1781, Arquivo Distrital de Vila Real;*

*Assento de Óbitos de Parada de Pinhão, 1763-1805, Arquivo Distrital de Vila Real;*

*Cartório Notarial de Tabeliães do 1º Ofício de Parada de Pinhão, 1764- 1837, Arquivo Distrital de Vila Real;*

*Livro da Junta da Paróquia de Parada de Pinhão, 1836-1869, Arquivo Distrital de Vila Real;*

*Cartório Notarial de Tabeliães do 1º Ofício de Vilar de Maçada, 1837- 1854, Arquivo Distrital de Vila Real;*

*Cartório Notarial de Tabeliães do 1º Ofício de Alijó, 1853-1856, Arquivo Distrital de Vila Real;*

*Cartório Notarial de Tabeliães do 1º Ofício de Sabrosa, 1857-1900, Arquivo Distrital de Vila Real.*

## ABREVIATURAS DESDOBRADAS

Abb. <sup>e</sup> - <u>Abbade</u>	Joaq. <sup>m</sup> - <u>Joaquim</u>
Alvz - <u>Alvarez</u>	Libram. <sup>to</sup> - <u>Libramento</u>
Ant. <sup>o</sup> - <u>Antonio</u>	M. <sup>a</sup> - <u>Maria</u>
benignam. <sup>te</sup> - <u>benignamente</u>	m. <sup>to</sup> - <u>muito</u>
Calv. <sup>o</sup> - <u>Calvario</u>	Mill. <sup>e</sup> - <u>Millagre</u>
Corr. <sup>a</sup> - <u>Correja</u>	Montr. <sup>a</sup> - <u>Monteira</u>
Corr. <sup>a</sup> - <u>Correja</u>	Montr. <sup>o</sup> - <u>Monteiro</u>
d- <u>de</u>	p. <sup>a</sup> - <u>para</u>
D. <sup>os</sup> - <u>Domingos</u>	P. <sup>e</sup> - <u>Padre</u>
d. <sup>ro</sup> - <u>dinheiro</u>	P. <sup>to</sup> - <u>Pinto</u>
Exc. <sup>ma</sup> - <u>Excelentissima</u>	q' - <u>que</u>
f. <sup>a</sup> - <u>filha</u>	Rd. <sup>o</sup> - <u>Reverendo</u>
f. <sup>o</sup> - <u>filho</u>	rezid. <sup>e</sup> - <u>rezidente</u>
Fer'z - <u>Fernandez</u>	Ribr. <sup>o</sup> - <u>Ribeiro</u>
Fran. <sup>co</sup> - <u>Francisco</u>	S. <sup>r</sup> - <u>Senhor</u>
freg. <sup>a</sup> - <u>freguesia</u>	S. <sup>za</sup> - <u>Souza</u>
freg. <sup>a</sup> - <u>freguesia</u>	Snr. <sup>e</sup> - <u>Senhore</u>
freg. <sup>za</sup> - <u>freguezia</u>	V. <sup>a</sup> - <u>Villa</u>
Frr. <sup>a</sup> - <u>Ferreira</u>	Villar. <sup>o</sup> - <u>Villarinho</u>



## Tábuas Votivas ao Senhor Jesus do Calvário em Parada de Pinhão

Os ex-votos também designados de tábuas votivas encontram-se, em número indeterminado, nos numerosos templos católicos espalhados de Norte a Sul do País, identificando um povo continuamente agradecido aos seus santos e a Jesus Cristo, pelos “milagres” peculiares concretizados, perante uma situação de desespero.

A maior colecção tem cerca de quatro mil exemplares e situa-se no Santuário do Senhor da Piedade de Elvas, apesar de a maioria serem fotografias. Muitas outras referências deveriam aqui ser citadas, contudo um estudo desta natureza não pode ser referido num artigo e devido aos milhares de ex-votos espalhados pelo país, teria de ser realizado por uma equipa durante vários anos. Atrevo-me no entanto a referenciar a colecção da Santa Casa da Misericórdia de Matosinhos, por estar devidamente acondicionada e exposta ao público no Museu de Arte Sacra da Misericórdia.

Segundo Albino Lapa, autor do “Livro dos Ex-votos Portugueses”, publicação de 1967, o ex-voto mais antigo existente em Portugal é datado de 1319, fazendo parte do testamento de Lourenço Diniz: *“Item mando q. me ponham ante ho orago de Santarem duas ffeguras de bestas hua de coor baio e outra de mua baya, e duas omagees affeguradas de moy e outra d’Affonso Saches e sejón de cera”*.

No entanto o recurso aos ex-votos remonta à antiguidade constituindo uma tradição, incrementada pelos povos que foram ocupando a península ibérica.

Se para alguns historiadores a tradição remonta ao período megalítico, com a descoberta de pequenas figuras antropomórficas, foi na Grécia e Roma que esta prática se consolidou com a oferta aos deuses de diversas ofertas. Os achados escritos e encontrados nos templos de Delfos e de Diana são o testemunho desta prática dos ex-votos. Os vencedores das competições ofereciam as coroas de louros, os guerreiros vencedores as suas armas, as mulheres doentes os seus cabelos, tal como na actualidade. Pequenas formas escultóricas feitas em barro de partes do corpo e órgãos doentes, entretanto curados, eram também oferecidas, sendo hoje substituídas pelas figuras de cera, vem visíveis nos templos nas designadas “casas dos milagres”, junto aos templos. O povo romano adoptaria idênticas práticas, acrescentando outras formas de representação visual como pequenas estátuas, aras, placas com inscrições e tábuas

votivas de pequenas dimensões, já com um processo de legendagem idêntico ao utilizado nos nossos dias.

Os séculos e os milénios passaram, os deuses mudaram de nome e de personalidade, mas a fé e o propósito mantiveram-se inalterados, principalmente nas populações mais humildes. As técnicas artísticas e artesanais empregues na concepção deste tipo de objectos enunciados também permanecem.

O termo ex-voto provém do latim e significa “Por força de uma promessa”, identificado sempre com o mundo da fé religiosa. Sob o ponto de vista plástico os ex-votos podem ser expressos de forma bidimensional através de fotografias, desenhos sobre papel e, na maior parte dos casos, a óleo, cujo suporte é geralmente a madeira e a tela, havendo alguns casos a folha-de-flandres, conhecida por latão.

Este tipo de representações associadas a uma cultura artística e religiosa, na maior parte dos casos de índole “naif”, também possui inúmeras representações realizadas através de formas tridimensionais, onde se utilizam variadas técnicas de execução simples. Refiro-me fundamentalmente às representações em cera ou madeira de partes do corpo ou órgãos que estiveram doentes.

Contudo o “gosto popular” e a “criatividade” associadas à fé, permitem observar também inscrições, miniaturas de velocípedes, automóveis, aviões, barcos, tranças de cabelo, figuras antropomórficas, animais que salvaram a vida a humanos (geralmente cães), carneiros, vacas, etc. Em alguns casos particulares os ex-votos são mesmo realizados com o recurso aos metais nobres como o ouro e prata.

No que diz respeito às tranças de cabelo, por estranho que pareça, na época era um adorno fundamental na mulher, motivo de vaidade e de auto-estima.

O destino do ex-voto é o templo religioso católico como forma de pagamento da promessa ou agradecimento por um favor. Este tipo de comportamento foi muito referenciado no Brasil, principalmente na região de Minas Gerais, com principal incidência no período da colonização portuguesa. E a motivação para este incremento tinha a ver fundamentalmente com as atribuladas viagens entre Portugal e o Brasil.

Os ex-votos não se limitam a objectos decorativos, pequenas esculturas e pinturas descritivas. Monumentos importantes também são ex-votos como o Santuário de Congonhas do Campo no Brasil, fruto de uma promessa do garimpeiro português de Minas Gerais, Fernando Mendes. O Mosteiro da Batalha em Portugal é também um ex-voto do rei D. João I de Portugal. O Mosteiro dos Jerónimos em Lisboa, mandado erigir

pelo rei português D. Manuel I, também é um ex-voto, o mesmo sucedendo com o Convento de Mafra, mandado erigir pelo rei português D. João V.

O seu valor é fundamental para o estudo e compreensão do carácter humano dos países, que falam a língua de Camões, maioritariamente católicos no que respeita à devoção. Refiro-me ao plano comportamental, pouco estudado, que analisa as nossas reacções e respostas perante uma situação crítica ou desesperante.

Pessoalmente considero que são as representações artísticas com maior autenticidade jamais elaboradas. Esta faceta determina outras leituras ausentes na quase totalidade das obras de arte. E portanto, qualquer análise crítica cujo significado pretenda retirar estes trabalhos do mundo particular da arte, é sem dúvida redutora.

Nos ex-votos existem outras leituras fundamentais para além da análise intuitiva e simples de ligação ao objecto decorativo.

É também incalculável o seu valor histórico, etnográfico e social por serem documentos que identificam os usos e costumes da época através da representação gráfica da forma como se decoravam os interiores, o vestuário, os meios de transporte, a tecnologia, a ruralidade de um povo e, acima de tudo a sua fervorosa “fé” que se sobrepõe sempre, nas situações mais críticas, ao racional. Não quero com esta frase deduzir a possibilidade de práticas profanas nos ex-votos. Não se trata do conflito entre o sagrado e o profano, já que este último está ausente. Constituem uma leitura paralela, popular e de grande espontaneidade, em relação à leitura oficial da Igreja, sem a confrontar ao nível teológico.

Sob o ponto de vista plástico, conforme já indiquei, nem todos os ex-votos escultóricos e pictóricos, constituem representações de cariz “naif”. Vários foram os artistas que desenvolveram esta temática, a pedido dos mais abastados, em cada época. O melhor exemplo é o de uma pintura existente no Santuário português do Bom Jesus do Monte, em Braga, da autoria do consagrado pintor português Domingos António Sequeira (1768-1837). No campo da escultura devo assinalar a importância da obra do escultor, entalhador e arquitecto António Francisco Lisboa (1730-1814), conhecido como o “aleijadinho”, filho de emigrante português no Brasil, construiu uma obra notável com inúmeras peças de ex-votos.

No caso particular dos ex-votos existentes no Santuário do Senhor Jesus do Calvário, situado na região nortenha de Portugal de Trás-os-Montes, em Parada de Pinhão, constituem um grupo homogéneo de aproximadamente 30 tábuas votivas, realizadas na segunda metade do século XIX.

Foi utilizada a madeira de castanho como suporte da pintura a óleo. A madeira foi serrada manualmente em tábuas cujo acabamento era realizado com o auxílio da enxó e de grosas “chatas”. A tábua depois de bem seca era coberta com uma camada de gesso ou branco de zinco em pó, em qualquer dos casos, misturada com cola animal, constituindo esta a base para a pintura a óleo. A cola que servia de aglutinante ao pigmento empregue, para isolar o suporte em madeira de castanho da pintura, era obtida geralmente a partir das partes gelatinosas e gordurosos que se situavam entre a pele e a zona muscular do coelho. O processo consistia em obter uma pasta líquida e viscosa a partir da sua cozedura em banho-maria durante horas. Depois de aplicada a camada de branco sobre a madeira, era desenrugada com a ajuda de um pano que tinha idêntica função à da actual lixa fina.

Em alguns casos o pigmento era misturado directamente em óleo de linhaça e pintado sobre a tábua. Este último procedimento provocava o posterior descasque da tinta, já que o fundo onde o artista aplicava as diferentes tonalidades tinha demasiada matéria gorda (óleo de linhaça). O melhor exemplo é o da tábua votiva com a descrição “*Millagre que fes o Senhor do Calvario a Mariana Fernandes desta freguezia de Parada de Pinhão que tendo padeçido grandes e exceçivas dores motivadas de algumas quedas com as quaes feria alguns órgãos interiores de que já não tinha esperança de vida, mas recorrendo ao Bom Jezus, elle lhe deu melhoras*”. O mesmo é observável na tábua votiva com a descrição “*Forão atendidas pello Ssnhor Bom Jezus do Calvario as rogativas fervorozas de alguns devotos, a favor de Marianna Denis, natural de Sapioins, freguezia de Mondroins, librando-a de hua alienação de Juizo em 1861*”.

É recomendável que a base da pintura seja realizada em matéria “magra”, como é o caso da cola.

O emprego de uma base branca traz uma maior luminosidade à pintura, comprovada pelo aspecto actual das tábuas votivas onde as tonalidades não foram absorvidas pela cor castanha da madeira empregue.

Entre outras, a tábua votiva com a descrição “*Millagre que o Senhor do Calvario fes ao Reverendo Manoel Alves Correia de Val de Agodim por por suplicas de Seu Irmão António em 1852*”, não levou a camada branca de fundo, pelo que as suas cores estão esbatidas, algumas absorvidas pela porosidade e cor escura da madeira de castanho. Recordo que a transparência do óleo permite a observação de determinadas tonalidades nos fundos escuros.



O aspecto primário das composições indica-nos que provavelmente teriam sido realizadas por artistas populares, sem escola. As pinturas, embora a óleo não têm “velaturas”, ou camadas sobrepostas. São pinturas elaboradas por autores desconhecidos e que identificam pouco conhecimento e destreza, ao nível técnico e do desenho. Não poderemos afirmar que são artistas da região já que este tipo de pintura era geralmente realizado nas cidades do Porto e Braga, onde existiam oficinas de pintura e restauro de retábulos.

O desenho da composição e a técnica da pintura empregues, leva-me a considerar que teriam sido realizados por cerca de três a quatro pintores populares.

Embora na segunda metade do século XIX já fossem populares os materiais de pintura adquiridos em casas da especialidade, o acesso aos mesmos só era possível pelos artistas consagrados das grandes cidades portuguesas.

No presente caso, as tonalidades a óleo foram realizadas misturando o pigmento com óleo de linhaça, adquirido na época com uma tonalidade muito amarelecida, havendo grande dificuldade na sua oxidação depois de realizado o trabalho. Os trabalhos foram executados, quase exclusivamente, numa demão de pintura pelo que não existem transparências a assinalar. Sendo os pigmentos de diferentes qualidades, alguns encontram-se mais deteriorados que os outros, sendo visível o desaparecimento dos vermelhos e dos verdes, devido à exposição desses ex-votos nos lugares do templo com maior luminosidade.

O desenho primário absorve toda a composição. Os espaços desenhados foram preenchidos com as diferentes tonalidades, sendo posteriormente evidenciadas as linhas com a ajuda do pincel, permitindo o aspecto de recorte, em relação ao fundo da composição. A dificuldade de “modelação” da pintura faz com que linha e sombra estejam fundidas, provocando a sensação de sombra própria nos corpos. Corpos e mobiliário estão recortados do fundo, tendo apenas uma função decorativa, perante a necessidade expressiva da descrição do acontecimento. A ausência de sombras projectadas, provoca a estranha sensação do ambiente de banda desenhada. Mas também o de uma composição de colagens, elaborada a partir do recorte de revistas. Não sendo o caso, as figuras e mobiliário dificilmente se integram no fundo. O desenho denuncia também a grande dificuldade de entendimento da perspectiva. Os desenhos das figuras limitam-se a alçados laterais e de frente, como é o caso da figura de Cristo na cruz do Calvário.

A perspectiva parece apenas existir nas camas e em algum mobiliário, mas de forma muito deficiente, como se de uma perspectiva técnica (cavaleira) se tratasse. Com um aspecto de grande rusticidade, os autores expressam-se através da organização de composições simples, copiadas de modelos já realizados, pouco criativas portanto e, intencionalmente descritivas, como se tratasse de uma “cascata” das festas populares dedicadas a S. João, em 24 de Junho.

A composição de forma rectangular aproxima-se da medida de ouro em alguns casos.

Sendo que a leitura é sempre realizada da esquerda para a direita, a colocação de Cristo na Cruz à esquerda, determina a sua importância perante as figuras postadas de joelhos à direita.

As composições repetitivas necessitam sempre do recurso ao “ambiente de banda desenhada”, através das inscrições, para que a sua leitura será inteligível.

O desenho da figura de Cristo na cruz é a forma estereotipada mais comum nas representações a partir do Renascimento. No que respeita às figuras femininas estão representadas como se de Maria se tratasse, perante o Filho crucificado. Este aspecto pressupõe que estes artistas tentavam copiar os desenhos das pinturas existentes nas igrejas, estas últimas realizadas por artistas com “escola” e de renome.